



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 31 – dezembro de 2023

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2023i31p100-120>

**A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira
para bebês e crianças pequenas: um campo conceitual**

**African and African-Brazilian-themed children's literature for babies
and little children: a conceptual field**

*Sara da Silva Pereira**

*Lucimar Rosa Dias***

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir perspectivas conceituais a partir do panorama da produção de literatura infantil de temática africana e afro-brasileira. A metodologia implicou duas etapas, na primeira, realizou-se um levantamento criterioso no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e, na segunda, analisou-se o relatório de pós-doutorado de Araújo (2017). Os descritores utilizados foram literatura infantil africana e recepção; literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira e recepção literária e criança; recepção literária e relações raciais; literatura infantil e recepção e usando as aspas: “Literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira e recepção literária e criança”. As discussões conceituais foram ancoradas, especialmente, na produção de Debus (2017), Rosa (2021) e Cuti (2010). Os resultados apontam que o campo está em processo de construção e há poucas pesquisas tratando da escuta de crianças pequenas sobre essa temática.

PALAVRAS-CHAVE: Escuta de crianças; Infâncias; Crianças pequenas; Estudo de revisão; Literatura infantil afro-brasileira e africana

ABSTRACT

The objective of this article is to discuss conceptual perspectives springing from a panorama of production of African and African-Brazilian-themed children's literature. The methodology consisted of two phases: in the first one a thorough survey at the Coordination of Superior Level Staff Improvement Thesis Catalog was conducted; in the second one Araújo's (2017) Post-doctoral report was analyzed. The descriptors used were: African children's literature and reception; African and African-Brazilian-themed

* Universidade Federal do Paraná – UFPR; Programa de Pós-Graduação em Educação – Curitiba – PR – Brasil – sarabrownsummer@gmail.com

** Universidade Federal do Paraná – UFPR; Programa de Pós-Graduação em Educação – Curitiba – PR – Brasil – lucimardias@ufpr.br



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 31 – dezembro de 2023

children's literature and literary reception and child; literary reception and racial relations; children's literature and reception and using quotation marks: "African and African-Brazilian-themed children's literature and literary reception and child". The conceptual discussions were mainly based on the production of Debus (2017), Rosa (2021) and Cuti (2010). The results indicate that the field is a process which is still underway and there is little research about the opportunity for little children to listen to works dealing with such themes.

KEYWORDS: Children's listening; Childhoods; Little Children; Review study; African and African-Brazilian children's literature

Introdução

O artigo apresenta um estudo de revisão realizado no mestrado, que teve como objetivo analisar a produção na área da literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, mapeando as pesquisas que dialogavam com o tema, elaborando um panorama da produção acadêmica sobre o assunto e contribuindo com a resolução do problema investigado. A pesquisa¹ “A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças: ‘Eu sô peta, tenho cacho, sô linda, ó!’” deu origem ao estudo de revisão e foi desenvolvida em 2019, na Universidade Federal do Paraná. O objetivo foi analisar como crianças pequenas, com idades entre três e quatro anos, experienciavam processos de leitura, contação e apresentação de um livro animado de uma história de literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira: *Bruna e a galinha d’Angola*, de Gercilga de Almeida (2009)².

Pesquisadoras como Fúlvia Rosemberg (1985), Ione da Silva Jovino (2006), Débora Cristina de Araujo (2010) e Maria Anória de Jesus Oliveira (2003) problematizaram a propagação de uma perspectiva negativa do sujeito negro no livro, importante artefato cultural. As reflexões dessas autoras e a luta do Movimento Negro, que há tempos denunciava o racismo nos livros didáticos, especialmente a produção de Ana Célia da Silva (2011), impulsionaram uma revisão fundamental na produção de materiais com esse viés, entre eles os livros de literatura infantil. Amparando-se na leitura dessas pesquisas, e relacionando o estudo com a prática de uma das autoras da pesquisa como professora na educação infantil, surge o interesse em saber se outras docentes compartilhavam com as crianças livros com personagens negros e como elas interagiam com essa literatura. Assim, a primeira etapa consistiu justamente no trabalho apresentado aqui, o estudo de revisão que mapeou produções científicas, mostrando o estado do conhecimento acerca do assunto pesquisado.

Diante do exposto, o presente artigo está organizado em duas seções. A primeira trata da nomenclatura utilizada para designar a literatura infantil que apresenta personagens negros em situação de protagonismo e, também, dos caminhos percorridos

¹ A pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética, sob o n. 80143517.4.0000.0102, foi desenvolvida em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de São José dos Pinhais, Paraná.

² Tal qual a pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2023), na defesa de uma educação antissexista, flexionamos o gênero referindo-se às pessoas em geral e usamos o nome completo para a identificação do gênero, para maior visibilidade às pesquisadoras, na primeira vez que há a citação de um/a autor/a.

até se ter acesso ao conhecimento produzido por pesquisadores/as de diferentes universidades. A segunda destaca os principais pontos das pesquisas analisadas.

1 Transitando entre literatura, infâncias e pesquisas

Pesquisar literatura infantil que apresente personagens negros/as ou mesmo escrita por autores/as negros/as foi desafiador no que tange a pesquisas anteriores a essa e que a referenciem. A própria escolha pelo uso dessa nomenclatura já mostra o quanto estamos distantes de uma literatura para a infância com um nome próprio, que não esteja atrelada a uma categoria menor da literatura para adultos. Por isso, a opção tem como referencial teórico os estudos da pesquisadora Eliane Debus (2017), que afirmava, naquele momento, a ausência, no âmbito da literatura infantil, de um consenso acerca da nomenclatura a ser dada para a literatura escrita sobre o povo negro ou por autores/as negros/as, inaugurando a produção conceitual nesse campo.

A autora apresenta a produção literária para a infância, dividida em três categorias: “1) literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira; 2) literatura afro-brasileira; e 3) “literaturas africanas” (Debus, 2017, p. 33). A primeira categoria “[...] está circunscrita a uma literatura que traz como temática a cultura africana e afro-brasileira sem focalizar aquele/a que escreve (autoria), mas sim o que tematiza” (Debus, 2017, p. 33). A segunda categoria é a de autoria de escritores/as afro-brasileiros/as e, remetendo a Eduardo de Assis Duarte (2008), esse conceito está em construção devido à dificuldade de delimitação dessa autoria. Já a terceira é a que tem autoria africana, com subcategorias que se ramificam em literaturas africanas de diferentes línguas.

Segundo a pesquisadora, a primeira categoria se sobressai no mercado editorial, pois a maioria das produções que aí circula nela se insere. Por isso, a importância de se entender o que está sendo produzido tanto por autores/as negros/as quanto pelos não-negros/as, uma vez que propagam diferentes ideologias e mensagens, trabalhando com o imaginário de crianças e adultos que consomem esse tipo de literatura.

Em que pesem importantes reflexões que as teóricas desse campo de estudo (Araujo, 2010; Oliveira, 2003; Debus, 2017; Pereira, 2019, dentre outras) vêm realizando para compreender o fenômeno, nominado, a partir de Debus (2017), de literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira na produção literária, definir seu percurso tem sido árduo. Logo, a opção pela nomenclatura, além de afirmar um lugar para essa

literatura, fortalece pesquisas e a própria produção que traz o/a personagem negro/a como protagonista, demarcando-a no mercado editorial.

Essa dinâmica que tem sido realizada por pesquisadoras da área de educação e da literatura, reconhecendo um lugar para esse tipo de produção, sistematizou uma certa trajetória da discussão. Debus (2017) institui um conceito fundamental para o campo, no qual a questão da autoria não era fulcral. Na medida em que a produção avança, outras reflexões são postas, sendo uma delas de autoria de Kiusam de Oliveira (2020), que inaugurou outra possibilidade de conceituar a produção, na qual a autoria negra é demarcada, dialogando com Luiz Silva Cuti, teórico do campo da literatura. Cuti (2010), como prefere ser chamado, cunha o conceito de Literatura negro-brasileira:

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção (Cuti, 2010, p. 11).

Cuti indica que não apenas o tema é importante, como bem apontou Debus (2017), mas também, na medida em que os sujeitos negros passam a ocupar o lugar de produção, há uma distinção no que se é produzido e como se produz. Ele reafirma que:

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra 'negro' aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer (Cuti, 2010, p. 42).

Essa produção que Cuti qualifica de negro-brasileira não tem foco na produção literária dirigida para as infâncias. Trata-se de discutir o campo da literatura. Ele posiciona o sujeito que a produz, independentemente do público a quem se dirige. Oliveira, em diálogo com o autor, situa a sua própria produção voltada para as infâncias como Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil (LINEBEIJU).

Necessário afirmar que tenho elaborado Literatura Negro-Brasileira (Cuti, 2010) com um complemento meu: do Encantamento, pois a elaboro a partir de minhas experiências que vão de dentro para fora

como mulher negra que fui, mantendo a minha criança negra viva dentro de mim para além de ser uma ativista nas lutas pelos direitos humanos focada em raça e gênero, pedagoga com mais de 25 anos de experiência em sala de aula trabalhando com crianças de 4 a 6 anos. Afirmo que existe uma literatura infanto-juvenil que se quer e assume-se como negro-brasileira sendo produzida pelo menos por mim (Oliveira, 2020, n.p.).

Assim, temos um segundo movimento de qualificação da produção que tem sido realizada no campo da literatura dirigida às infâncias. Além de Oliveira, outra autora que passou a nomear a sua produção literária é Sonia Rosa, afirmando:

[...] vou tecendo o conceito de Literatura negro afetiva fortalecendo a necessidade de atenção e de prestígio que os personagens negros precisam ter dentro dos livros voltados para infância e juventude. Nunca mais a desatenção, o descuido, a invisibilidade, o silenciamento e a margem. Nem em texto e nem em imagens. Livros que respeitem as infâncias negras (Rosa, 2021, p. 13).

Os movimentos constatados para conceituar a produção literária que rompe com a perspectiva eurocentrada e dialoga com novos artefatos culturais (Costa; Pereira; Dias, 2021) vêm num crescente e têm a peculiaridade de serem produzidos pelas próprias sujeitas que discutem a literatura infantil. A pesquisa realizada ainda não captura esses novos conceitos, mas os identifica como um outro aspecto dessa produção que vale a pena registrar: a questão de autoria de texto e de ilustrações, ou seja, há um movimento apontando para a particularidade de que são escritos e ilustrados por pessoas negras, ou seja, a literatura negro-radical para infâncias.

Nesse caso, embora seja um movimento identificado no Brasil, não utiliza o conceito de Cuti, de literatura negro-brasileira. No entanto, incluem-se nesse conceito livros que possuem temática africana e são escritos por pessoas negras, mas não necessariamente que autor/a e ilustrador/a sejam brasileiros/as. Caberia, aqui, toda produção de temática que fosse escrita e ilustrada por pessoas negras. Outro aspecto que caminha para o conceito de literatura negro-radical seria de autoria, ilustração e edição negras: escrita, ilustrada e publicada por pessoas negras.

Portanto, será muito importante acompanhar essa movimentação para futuras análises sobre o impacto, em termos de qualidade, para aquilo que seria a função dessa literatura: questionar o cânone e possibilitar novos aportes no campo que produzem o que Cuti indica como papel precípua da Literatura negro-brasileira: “A literatura negro-brasileira, do sussurro ao grito, vem alertando para isso, ao buscar seus próprios recursos

formais e sugerir a necessidade de mudança de paradigmas estético-ideológicos” (2010, p. 12). A opção continua sendo trabalhar com o conceito de Debus (2017). No entanto, como já anunciado, temos aliado esse conceito à ideia de uma literatura negro-radical na medida em que se considera a autoria e a ilustração de pessoas negras como parte dessa produção.

Por conseguinte, para situar esse debate na pesquisa empreendida, foi realizado, em duas etapas, um estudo de revisão de produções científicas indexadas em bases eletrônicas de dados, sendo a primeira produzida de julho a setembro de 2017, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. O primeiro passo consistiu na delimitação dos descritores: “literatura infantil africana e recepção” e do período compreendido: de 2000 a 2017. Para refinar os resultados obtidos e para ter uma relação lógica entre as palavras, optamos pelo uso de operadores *booleanos*.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão estudos sobre escuta de crianças, preferencialmente na primeira infância, que analisassem como elas recebem essa literatura em específico e com foco de interesse em crianças de escolas ou de centros municipais de educação infantil (CMEI). Já os critérios de exclusão foram os estudos desenvolvidos no Ensino Médio, sobre crianças em âmbitos não institucionalizados e da literatura de temática que não tivesse a recepção e/ou escuta das crianças como foco.

A priorização da leitura dos resumos foi essencial, no intuito de identificar quais estariam de acordo com os critérios de inclusão e com a pesquisa pretendida. Assim, na primeira busca, de acordo com os descritores escolhidos (literatura infantil africana e recepção), dos 10 estudos encontrados, apenas um atendeu aos critérios de inclusão: *Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil* (Araujo, 2010).

Diante do exposto e da falta de sucesso na busca, o período compreendido foi mantido, mas os descritores foram alterados para recepção literária e relações raciais, na busca de mais pesquisas. Contudo, das 1306 que apareceram, apenas uma foi inserida neste estudo: *A presença da Literatura Afro-brasileira na Escola: uma proposta de intervenção para as aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental* (Gonçalo, 2015).

Por conseguinte, nova alteração foi realizada, usando literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, recepção literária e criança como descritores. A busca retornou nove trabalhos, mas nenhum foi adicionado à pesquisa, uma vez que não dialogavam com a mesma. Então, para buscar registros que contivessem as palavras

juntas, foi necessário usar as aspas com os mesmos descritores, mas dos nove resultados nenhum se agregou a este estudo.

Após as buscas, constatou-se que nenhuma pesquisa tratava da recepção literária da temática da cultura africana e afro-brasileira pelas crianças pequenas, tampouco com a faixa etária de três e quatro anos na qual a pesquisa seria feita. O que se encontrou foram estudos de recepção realizados no Ensino Fundamental e, mesmo nessa etapa, em um universo de 12 pesquisas nenhuma tinha relação com o estudo aqui pretendido.

Concluídas as análises, foi iniciada a segunda fase do levantamento por meio do acesso ao relatório final de pesquisa de Pós-doutorado de Araujo (2017), *Relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil*: a produção acadêmica *stricto sensu* de 2003 a 2015, que investiga teses e dissertações que tematizam as relações étnico-raciais na literatura infantil e juvenil.

A partir da leitura, realizou-se uma atualização do levantamento anterior, acrescentando, aos dois trabalhos já elencados, mais quatro pesquisas com contribuições relevantes para a investigação: *Construção da identidade étnico-racial*: o papel da literatura infantil com protagonistas negros e histórias das culturas africanas (Ramos, 2007); *O uso da literatura de base africana e afrodescendente junto a crianças das escolas públicas de Fortaleza*: construindo novos caminhos para repensar o negro (Silva, 2009); *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2010*: personagens negros como protagonistas e a construção da identidade étnico-racial (Lopes, 2012); *Minha cor e a cor do outro*: qual a cor dessa mistura? Olhares sobre a racialidade a partir da pesquisa com crianças na Educação Infantil (Bischoff, 2013).

Após as buscas, houve a constatação, nessa época, da ausência de pesquisas que tratam tanto da literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira quanto das que se referem às relações étnico-raciais relacionadas à escuta de bebês e crianças pequenas, conferindo ineditismo ao estudo a ser desenvolvido. Ouvir as crianças sobre essas produções é de extrema importância para compreender o que pensam a respeito: das obras e da maneira como interpretam o mundo; dos personagens e da forma como se apresentam a elas; das mensagens; dos conceitos que elaboram sobre as narrativas ouvidas e/ou lidas; das relações estabelecidas nas ilustrações e no texto.

2 Literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira e escuta de crianças: o que dizem as pesquisas

Estruturada a parte inicial, a leitura dos trabalhos foi essencial para elencar elementos-chave e conceitos compatíveis com a pesquisa que estava sendo gerada. De acordo com John C. Creswell (2007), os estudos de revisão apontam resultados de outros estudos que se relacionam ao que o pesquisador está investigando. Ele afirma que “Revisões de literatura ajudam os pesquisadores a limitar o escopo de sua investigação e transmitem para os leitores a importância de estudar um tópico” (Creswell, 2007, p. 43). Assim, nesta seção, será apresentada uma revisão em que se integram conhecimentos em diálogo com as autoras das produções teórico-científicas.

A dissertação intitulada *Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil*, de Débora Cristina de Araujo, 2010, pela Universidade Federal do Paraná, analisou os discursos sobre os grupos raciais brancos e negros, produzidos a partir de leituras em salas de aula utilizando obras infanto-juvenis. Com foco voltado à recepção literária de obras infantis, o trabalho se propõe a analisar três eixos, a saber: “[...] a literatura infanto-juvenil, a aplicação dessa literatura no espaço escolar e os discursos racializantes produzidos acerca de tais leituras” (Araujo, 2010, p. 15).

A metodologia utilizada pela autora foi a Hermenêutica da Profundidade (HP), de John B. Thompson (2002), que trata sobre relações assimétricas de poder presentes nos discursos e reproduzidas na literatura e em outras mensagens midiáticas. Para o autor, a escola reproduz essa ideologia que está a serviço do poder e estabelece relações de dominação. Baseada nessa perspectiva e no intuito de averiguar se obras de literatura infanto-juvenil traziam discursos que reforçam algum tipo de ideologia e preconceito, a autora delimitou seu problema de pesquisa.

A pesquisadora denuncia a ideologia subjacente às produções literárias destinadas à infância, pontuando que “[...] a criança é culturalmente inferiorizada por uma ideologia adultocêntrica. E mais, esta ideologia está intimamente ligada à produção literária infanto-juvenil” (Araujo, 2010, p. 58), e constata que a qualidade, tanto do material quanto da literatura produzida, é inferior à produção para os adultos. A forma como a escola usa os livros contribui para o aumento dos aspectos ideológicos.

Ademais, quando se tratam de influências ideológicas relacionadas às relações raciais, a pesquisadora afirma que estas se expressam de forma mais evidente, pois “A desigualdade na caracterização de personagens negras em relação às brancas, aliada à estereotipia e explícitas manifestações racistas, fizeram da literatura um dos maiores fomentadores do preconceito racial no Brasil” (Araujo, 2010, p. 67).

Araujo iniciou o trabalho de campo com um estudo exploratório em uma escola indicada pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. Nesse local, o trabalho com a leitura era em horários e dias específicos sem, necessariamente, ter vinculação com o ensino de língua materna. Teve dificuldade em coletar dados e, ao tentar dar continuidade à pesquisa, foi convidada a esperar a inauguração da biblioteca para acompanhar as aulas. Então, ela e o orientador, decidiram pesquisar em outra escola.

Posteriormente, fez apontamentos a partir de sua observação e vivência naquele espaço: era uma prática manter os livros novos “preservados” em armários, principalmente os do acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), enquanto as crianças tinham acesso aos de qualidade duvidosa; não foram encontrados livros que contemplavam a diversidade étnico-racial; a ideologia estava presente na maioria das obras; tratamento desigual da diversidade étnico-racial nas obras; grande incidência de livros religiosos e uma hegemonia discursiva em manifestações religiosas.

Na segunda escola em que foi realizada sua pesquisa, dessa vez até a conclusão, havia uma diversidade étnico-racial de crianças com representações em alguns espaços e em outros não. Outrossim, havia uma preocupação com a temática étnico-racial nas aulas de leitura das crianças das turmas de 4ª séries³ pesquisadas. À proporção em que existiam profissionais que desenvolviam o letramento literário e se engajavam em um trabalho significativo na implementação do artigo 26-A (incluído pela Lei n. 10.639/2003 e n. 11.645/08)⁴, a ideologia da branquidade como norma estava presente e retificava o processo de hierarquização da maneira como as crianças recebem e se apropriam dos/das personagens negros/as presentes nas obras. Analisando a produção infantil, verificou-se estranhamento e interpretação estereotipada no que tange aos/às personagens negros/as das obras trabalhadas, representados/as com características europeias, nivelando os povos africanos a um só tipo.

Além disso, a pesquisadora apresenta conceitos criados por ela para designar a literatura infantil a que teve acesso durante seu trabalho de observação na primeira escola, classificando-a como “coleções toscas”. Com efeito, essa classificação serviu de referência para inspirar a pesquisa que é o motivo desta revisão.

³ Segundo Araujo (2010), essa era a nomenclatura utilizada na época.

⁴ A Lei n. 10.639/2003 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 9.394/1996), incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Em 2008, o artigo 26-A passa a ter nova alteração, por meio da Lei n. 11.645, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena.

Identifico ‘livros de coleções toscas’ ou qualidade duvidosa aqueles que compõem coleções como ‘Animais da fazenda’, ‘Dinossauros’, ‘Virtudes’, e outras adaptações de obras clássicas editadas em material inadequado, sem o cumprimento dos requisitos mínimos estipulados para um livro literário, como exigem, por exemplo, os Anexos I (Triagem/Critérios de exclusão) e II (Critérios de Avaliação e Seleção) do Edital – PNBE 2009 ou os Anexos I (Critérios de Exclusão) e III (Critérios de Avaliação e Seleção) do Edital – PNBE 2010 (Araujo, 2010, p. 112).

Dessarte, essa pesquisa foi importante para embasar a dissertação que é origem do levantamento, dialogando com a mesma em vários aspectos. Ao escutar professoras e crianças, além de desvelar a ideologia subjacente em muitas obras literárias, Araujo (2010) apontou diferentes percursos a serem seguidos quando o assunto é literatura infantil e relações étnico-raciais. Também possibilitou que a pesquisa que estava sendo desenvolvida ampliasse referências de uma literatura infantil que rompesse com padrões estabelecidos para esse gênero, transgredindo papéis impostos pelo cânone e apresentando um tratamento menos desigual entre brancas/os e negras/os.

O segundo estudo selecionado foi a dissertação de Sandra Regina Pereira Gonçalves: *A presença da literatura afro-brasileira na escola: uma proposta de intervenção para as aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do ensino fundamental*, realizada em 2015, na Universidade Federal da Paraíba, e que teve como objetivo intervir na prática literária dos professores de Língua Portuguesa de uma escola estadual localizada no município de Boa Ventura, no alto sertão paraibano.

O trabalho, de caráter intervencionista, trata-se de uma pesquisa-ação realizada com alunos do 9º ano para discutir questões voltadas à história, cultura e literatura dos africanos e afrodescendentes no Brasil, por meio de cinco oficinas temáticas: “Conhecendo a poesia afro-brasileira e africana”; “O poeta Castro Alves e sua poesia negra”; “Contos, africanidades e essência afro-brasileira”; “A africanidade no cinema, na música e nos acervos fotográficos” e o sarau afro-literário “Minha africanidade”.

Por conseguinte, Gonçalves (2015) aplicou questionários com perguntas abertas e fechadas para realizar a escuta dos/das estudantes, um no início e outro no final das oficinas, garantindo o sigilo dos/das participantes, que ficariam mais à vontade para questionamentos sobre argumentações voltadas para as relações étnico-raciais.

Cabe mencionar que, como respostas, apareceram afirmativas de estudantes que dizem ter sofrido preconceito racial na escola por conta de sua cor, algumas respostas também mostram que ainda confundem racismo com *bullying*. Dentre os/as que relatam

não serem vítimas de racismo, preconceito ou discriminação, a maioria afirma que essas ações acontecem contra pessoas negras e que não há racismo contra brancos/as. Outro dado importante foi que, ao serem indagados/as sobre literaturas afro-brasileiras, nenhum/a dos/das estudantes confirmou conhecimento da temática, comprovando a ausência desse trabalho e justificando uma intervenção para tentar mudar esse cenário.

A pesquisadora afirma a importância da Lei n. 10.639/2003 para uma nova perspectiva dos educadores sobre as literaturas africanas e afro-brasileiras, uma vez que a maioria dos livros didáticos de Língua Portuguesa do 9º ano, em que atua, não trazem textos dessa temática e, com a obrigatoriedade estabelecida em lei, pode haver mudanças. Assim, estudar “[...] a literatura afro-brasileira como uma vertente literária, pode tornar-se um instrumento contundente e significativo para entender melhor e valorizar a história, a cultura, a religiosidade, o folclore, bem como a luta e o protagonismo negro ao longo dos séculos” (Gonçalo, 2015, p. 14).

Por fim, conclui que a intervenção realizada ressignificou sua prática pedagógica, desenvolveu nos/nas alunos/as competências leitoras, ampliou seus conhecimentos a respeito da cultura africana e afro-brasileira e permitiu a eles/as reconhecer e apreciar produções e autores/as afro-brasileiros.

A dissertação *Construção da identidade étnico-racial: o papel da literatura infantil com protagonistas negros e histórias das culturas africanas*, defendida por Angela Maria Parreira Ramos (2007), na Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve por objetivo entender o papel dos livros de literatura infantil com protagonistas negros na construção da identidade étnico-racial das crianças de turmas de Progressão⁵. Usou a pesquisa-ação como metodologia, pois, para ela, os alunos possuíam vozes reveladoras “[...] da capacidade de construir um conhecimento sobre sua realidade que os torna coparticipantes do processo de pesquisa” (Ramos, 2007, p. 23).

Realizou a pesquisa em duas unidades escolares distintas, por querer participantes de diferentes comunidades. A primeira turma era composta por 22 crianças, com idades entre nove e 11 anos, matriculadas em uma escola da zona sul, onde lecionava. A segunda era de uma escola da zona norte, com 18 meninas e 14 meninos, com idades entre nove e 12 anos. Assim, começou pela escuta sobre o que as crianças achavam de estar na turma

⁵ As turmas de Progressão eram aquelas que recebiam crianças com matrícula tardia e/ou com mais de nove anos de idade e também aqueles e aquelas que não concluíram o primeiro ciclo de escolarização com sucesso e necessitavam, assim, de aprender com maior qualidade sobre leitura e escrita para seguirem adiante.

de Progressão obtendo, além do silêncio como resposta da maioria, a sensação de inferioridade que foi verbalizada por algumas crianças e o desejo de estarem “[...] no espaço-tempo considerado como legítimo para eles e poder aprender aquilo que a escola deveria lhes ensinar” (Ramos, 2007, p. 32).

Consequentemente, ao indagar aos/às alunos/as a respeito da raça/cor deles/as, teve como resposta “[...] os silêncios prolongados e as intervenções de colegas dando opinião sobre a cor que achavam que o outro deveria dizer” (Ramos, 2007, p. 39), além de classificações como: morena, mulata, marrom, escura, mais ou menos branca, chocolate, um pouco negra/o e uma que não soube responder.

Outra proposta foi o desenho do autorretrato em que aferiu que nenhuma das crianças das duas escolas, heteroclassificadas como negras pela pesquisadora, se retrataram como tal. Após receber os desenhos e dialogar com as crianças, constatou um processo de embranquecimento nas representações e a concepção da ideologia que associa o negro ao que é feio por parte de uma delas, concluindo que “[...] as palavras desse aluno reflitam o comportamento dos demais pela ausência do uso de lápis de cor que se aproximasse ao menos da autoidentificação” (Ramos, 2007, p. 42).

Por conseguinte, realizou contações de histórias com personagens negros. Depois, as crianças desenharam novamente o autorretrato e mostraram uma evolução no tocante à representação de cor e cabelo. Assim, concluiu que utilizar literatura infantil em que personagens negros têm uma presença valorizada contribuiu para a construção de uma identidade étnico-racial positiva e indicou que esse tipo de obra deve fazer parte do material didático-pedagógico em escolas e bibliotecas.

Inquestionavelmente, esse estudo trouxe muitas contribuições e inspirou a pesquisa a que o estudo de revisão estava dando suporte, uma vez que, para realizar a escuta das crianças de três e quatro anos, seguiu-se por um percurso metodológico muito semelhante, utilizando contações de histórias, produção de autorretrato e conversas com as crianças como parte de uma pesquisa-ação.

A pesquisa de Geranilde Costa e Silva (2009), *O uso da literatura de base africana e afrodescendente junto a crianças das escolas públicas de Fortaleza*: construindo novos caminhos para repensar o negro, produzida na Universidade Federal do Ceará, teve como objetivo investigar se o uso pedagógico da literatura de base africana e afro-brasileira possibilitava a crianças do 3º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas de Fortaleza a construção de novos conceitos acerca do ser negro.

Utilizou a análise institucional como referencial teórico, que propõe a construção de um novo campo de conhecimento mediante diversas disciplinas. Outrossim, usou a metodologia de pesquisa *ante/pós/facto*, criada pela Profa. Dra. Ana Maria Iório Dias, que consiste na elaboração de pré-testes na fase *ante/facto*; no início da intervenção, que se dá na fase *facto*, e pós-testes na fase *pós-facto*. Assim, na fase *ante/facto*, foi iniciada a observação participante, estabelecendo contato com a professora e os estudantes, captando como eles tratavam as questões raciais. A segunda etapa, fase *facto*, deu-se por meio de 14 intervenções, em que as crianças foram convidadas a pensar o ser negro por meio da literatura de temática africana e afro-brasileira.

Posteriormente, para comparar quais conhecimentos as crianças já possuíam e verificar se, ao terem contato com a literatura, elas ressignificavam o ser negro, a pesquisadora elaborou situações de testagem em algumas intervenções. Já a professora participou de sessões de estudo, planejando coletivamente as intervenções. Na fase *pós-facto*, estudou reações e produções de conceitos por alunos/as e professora.

A fase *facto* foi realizada com apenas uma das docentes de uma das escolas, pois a outra pediu licença para tratamento de saúde. Realizaram três sessões de estudos sobre a Lei n. 10.639/2003 e a pesquisadora propôs que a professora fizesse sugestões para as intervenções, mas ela parecia não ter sido sensibilizada com a temática, o que relata ter mudado somente a partir da quarta intervenção. Nessas sessões, a professora reconheceu falhas em seu processo de formação, considerou relevante e positivo aprender sobre a temática, produzindo novos conceitos sobre o que é ser negro.

Para as intervenções, Silva (2009) desenvolveu várias propostas: roda de conversa sobre racismo, inspirada no “Auto do Maracatu”; conto nigeriano sobre a princesa africana Okpija; uso do jogo Afriquei, criado pela pesquisadora e que tem como princípio a cosmovisão africana; participação de duas convidadas africanas, que trançaram os cabelos das crianças; produção de histórias, após a realização das propostas, observando se houve a ressignificação do que é ser negro, dentre outras.

Após a realização das intervenções e da escuta das crianças, Silva (2009) constatou que elas reproduziam o racismo que estrutura a sociedade, desconheciam a história da África antes da colonização portuguesa, classificando-a como primitiva e sem cultura, e a maioria declarava-se como moreno/a, distanciando-se de sua ancestralidade africana. No entanto, ao vivenciarem as intervenções, produziram novos conceitos acerca do ser negro e alteraram o modo como viam o continente africano.

A dissertação *Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2010: personagens negros como protagonistas e a construção da identidade étnico-racial*, de Naiane Rufino Lopes, defendida em 2012 na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), analisou se, nos livros de literatura infantil do PNBE de 2010, havia a presença de personagens negros e como as crianças do 1º e do 5º ano do Ensino Fundamental I⁶ percebiam a presença do personagem negro na literatura infantil.

De acordo com a pesquisadora, a opção pela abordagem etnográfica na pesquisa educacional, se deu “[...] por se tratar de uma pesquisa em que se faz necessário ter como foco o contexto histórico, social e cultural dos sujeitos envolvidos” (Lopes, 2012, p. 15). Outrossim, usou, como instrumentos de pesquisa, a entrevista semiestruturada, a observação participante, o registro de campo, a análise documental e o grupo focal.

A análise dos livros só foi possível por meio da lista disponibilizada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), que permitiu acesso à plataforma das editoras para leitura das sinopses. Foram investigados 100 títulos, sendo que “A busca por livros com personagens negros exigiu um cuidado redobrado, já que foi inviável analisar as obras diretamente na biblioteca escolar, porque não se encontravam de forma organizada” (Lopes, 2012, p. 21), e este local abrigava uma sala de aula em um dos períodos. A pesquisadora denuncia que a maioria dos livros do PNBE 2010 não estava no acervo e ninguém da escola soube dizer o que aconteceu com eles.

Além disso, denuncia que o edital publicado para composição desse acervo de 2010 contemplava apenas oito títulos com personagens negros como protagonistas e, desses, somente quatro foram encontrados na escola. Na sala utilizada como biblioteca, além dos livros que faziam parte do acervo do PNBE 2010, encontrou 16 títulos com personagens negros, sendo que a maioria nunca tinha sequer sido emprestada e lida: “Os livros estavam em tão perfeito estado de conservação, que ainda era difícil folheá-los, motivo que reafirma a hipótese de que ninguém os havia lido, conforme as informações constantes nas fichas de empréstimos” (Lopes, 2012, p. 45).

Com efeito, para a escuta das crianças, usou entrevistas semiestruturadas e o grupo focal. Nesses grupos, elas foram divididas e, então, fizeram as discussões dos livros selecionados no acervo. Como a proposta era ler quatro livros para cada turma, a pesquisadora escolheu obras do seu acervo particular para a leitura. Tanto as crianças do

⁶ Nomenclatura utilizada pela pesquisadora.

2º ano quanto as do 5º ano tinham um prazo para ler e, nas segundas-feiras, a pesquisadora discutia com elas sobre as impressões decorrentes dessa ação.

Constantemente, a autora destaca o papel de seus interlocutores, as crianças, pois participaram com aceitação e disponibilidade, superando dificuldades surgidas durante a pesquisa, administrando conflitos e sem resistência em discutir a temática. Ao contrário, “[...] tiveram posicionamentos sérios e em diversos momentos identificaram a presença do racismo na sociedade brasileira” (Lopes, 2012, p. 80), rompendo com a concepção, por parte de muitos professores, de que as crianças não discriminam racialmente e/ou não reconhecem diferenças raciais.

Ao término do estudo, constatou que ainda é ínfima a distribuição pelo PNBE de livros com personagens negros/as como protagonistas, a leitura ainda não é vista como uma prática cultural, o acesso aos livros pelas crianças é limitado e essas não são sujeitos do processo de aprendizagem, por estarem inseridas em atividades repetitivas e fragmentadas, além do fato de que elas perceberam a ausência de personagens negros e apontaram que era em decorrência do preconceito racial.

A última pesquisa analisada *Minha cor e a cor do outro: qual a cor dessa mistura?* Olhares sobre a racialidade a partir da pesquisa com crianças na Educação Infantil, produzida por Daniela Lemmert Bischoff (2013), teve por objetivo investigar como a literatura infantil de temáticas afro-brasileiras pode ajudar a discutir e problematizar conceitos de diferenças raciais entre as crianças da pré-escola de uma instituição de ensino da cidade de Portão, no Rio Grande do Sul. Esse foi o único estudo encontrado que escutava crianças pequenas, com idades entre quatro e cinco anos, utilizando como mote a literatura infantil de temática africana e afro-brasileira.

A pesquisadora usou o termo racialidade para se referir ao fato de que a raça é utilizada para imprimir modos de ser branco e de ser negro na sociedade, discriminando a população negra por conta de seus fenótipos. Para tanto, se baseia nos estudos de Gládis Kaercher (2011) e no conceito de racialização definido por ela como

[...] um conjunto de discursos e práticas que imprimem aos corpos, através de sentidos presentes em diferentes práticas culturais, marcas que fundem, no Brasil, os conceitos de raça e cor, para promover, através desta fusão, a hierarquização de diferenças e a implementação de desigualdades (Kaercher, 2011, p. 100).

À medida que referenciava a literatura infantil como problematizadora da raça, dizia se ressignificar pelas vivências, uma vez que se propôs a analisar como os/as

personagens aparecem nas narrativas e ilustrações de forma conjunta com as crianças, por se tratar de uma pesquisa com elas e não sobre elas. Com efeito, buscou incluí-las nesse processo, convocando-as a assumir uma postura crítica, pensando na infância a partir de suas próprias vozes, que são múltiplas.

A pesquisa foi realizada numa turma de Pré-escola em que a pesquisadora lecionava, composta por 18 crianças, nenhuma declarada como negra. Além do consentimento das famílias para que participassem da pesquisa, elas também deram sua anuência por meio da assinatura no termo elaborado pela pesquisadora, que foi amplamente explicado e discutido com e pelas crianças. Assim, tanto os adultos responsáveis quanto elas aceitaram fazer parte do estudo. Em continuidade, a escolha dos nomes se deu pelos/as próprios/as participantes, envolvendo negociações quando mais de um/a deles/as queria escolher o mesmo nome.

Além dos livros, utilizou uma caixa com bonecas negras que foram confeccionadas por ela quando participou do projeto “Qual é a cor da Cultura na Educação Infantil”, desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenado pelas professoras Gládis Elise Pereira da Silva Kaercher e Leni Vieira Dornelles. Assim, expandiu a experiência às famílias, enviando para casa uma sacola contendo três livros, quatro bonecas negras e um caderno para que pudessem registrar suas impressões de leitura e contato com o material.

Bischoff (2013) considerou ter subestimado as crianças, por imaginar que suas falas estariam imbuídas de preconceitos em relação aos/as personagens negros/as dos livros. Contudo, constatou o quanto sua perspectiva era adultocêntrica. Por fim, após as análises, verificou-se que as crianças, independentemente de cor ou raça, não demonstravam nenhum tipo de preconceito, inclusive brincando juntas, compartilhando histórias e interagindo com os materiais apresentados.

Em suma, a pesquisa contribuiu para traçar uma metodologia que permita a participação infantil, possibilitando uma escuta atenta. No entanto, mostrou que pesquisadores/as da infância também apresentam uma relação vertical com as crianças, ao considerar que precisam e/ou podem lhes dar voz. A pesquisadora, muitas vezes, demarcou que era preciso “dar voz às crianças”, mas de acordo com uma concepção que as compreende como seres sociais e de direitos, atuando no meio em que vivem e produzindo cultura junto a seus pares, elas já possuem voz, então, não se trata de dar voz, mas, sim, de possibilitar a escuta. Os adultos, em sua maioria, têm dificuldade em escutá-las, porque não consideram suas múltiplas linguagens. As crianças, principalmente os

bebês, nos falam não somente pela linguagem oral, mas também pela corporal e pelos silêncios, que dizem muito e devemos ficar atentos/as a eles.

Finalmente, a revisão mostra que os estudos sobre literatura infantil e relações raciais que se propõem a escutar bebês e crianças pequenas são escassos, indicando um campo importante para investigação, pois elas também estão nas instituições, sendo necessário escutá-las sobre temas que são importantes para todas as etapas da educação.

Conclusão

Após a análise das pesquisas elencadas no estudo de revisão, conclui-se que há um campo de reflexão sobre a literatura infantil se constituindo e que busca conhecer o que as crianças dizem ao entrar em contato com livros que tematizam a cultura africana e afro-brasileira. Além disso, as pesquisas focam em um/a ano/série distinto/a. Essa variação é positiva, mas requer outras investigações para ampliar as possibilidades de compreensão em relação ao que dizem as crianças de cada uma das etapas e compreender se existe uma distinção significativa nos discursos por faixa etária e se os sentidos atribuídos se modificam de acordo com a idade, para qualificar tanto a escolha dos materiais quanto o aprofundamento metodológico e, possivelmente, a própria produção do campo literário com esse foco.

Enfim, as pesquisas provenientes das buscas mostraram uma lacuna quando o assunto é escuta de bebês e crianças pequenas a respeito de literatura infantil de temática africana e afro-brasileira, ou seja, elas ainda são pouco consideradas nos diferentes âmbitos da produção acadêmica e o estudo de revisão demonstrou que não é diferente no tema em tela, retornando um número pequeno de pesquisas com esse viés, levando-se em conta que há uma significativa produção em relação à infância e à literatura infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. **Bruna e a galinha d'Angola**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

ARAUJO, D. C. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil**. 2010. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24037>. Acesso em: 19 nov. 2023.

ARAUJO, D. C. **Relações étnico-raciais na literatura infantil e juvenil: a produção acadêmica *stricto sensu* de 2003 a 2015**. Relatório Final de Estágio Pós-Doutoral.

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, 2017. Disponível em: https://www.prppg.ufpr.br/site/ppge/wp-content/uploads/sites/45/2021/05/2017_pos-doc_debora-cristina-araujo.pdf. Acesso em: 19 nov. 2023.

BISCHOFF, D. L. **Minha cor e a cor do outro: qual a cor dessa mistura?** Estudos sobre racialidade a partir de pesquisa com crianças na educação infantil. 2013. 115f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/77233>. Acesso em: 19 nov. 2023.

COSTA, S. R.; PEREIRA, S. S.; DIAS, L. R. Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 14, n. 39, p. 125-139, maio 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1384>. Acesso em: 19 nov. 2023.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Trad. Luciana de Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUTI, L. S. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DEBUS, E. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para criança e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

DUARTE, E. A. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31, Brasília, DF, p. 11-23, jan/jun, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430/8332>. Acesso em: 01 dez. 2023.

GONÇALO, S. R. P. **A presença da literatura afro-brasileira na escola: uma proposta de intervenção para as aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental**. 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação. Universidade Federal da Paraíba. Mamanguape: Paraíba, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7656?locale=pt_BR. Acesso em: 19 nov. 2023.

JOVINO, I. Literatura Infante -juvenil com personagens negros no Brasil. *In*: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (org.). **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Centro de estudos afro-orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

KAERCHER, G. “Pedagogias da racialização ou dos modos como se aprende a ter” raça e/ou cor. *In*: TONINI, Ivaine M. e KAERCHER, Nestor A. (org.). **Curso de Aperfeiçoamento Produção de Material Didático para Diversidade**. Porto Alegre: Evangraf; UFRGS, 2011. p. 100-105.

LOPES, N. R. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2010: personagens negros como protagonistas e a construção da identidade étnico-racial**. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/91299>. Acesso em: 19 nov. 2023.

OLIVEIRA, M. A. J. **Negros personagens nas narrativas infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2003. Disponível em: https://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/maria_onoria_de_jesus_oliveira.pdf. Acesso em: 5 dez. 2023.

OLIVEIRA, K. Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros. **Feira Literária Brasil – África**, Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória, v. 1 n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/flibav/article/view/29029>. Acesso em: 19 nov. 2023.

OLIVEIRA, M. R. G. A cobaia agora é você! Cisgeneridade branca, como conceito e categoria de análise, nos estudos produzidos por travestis e mulheres transexuais. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, MG, v. 36, n.1, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/69857>. Acesso em: 19 nov. 2023.

PEREIRA, S. S. **A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças**: “eu so peta, tenho cacho, so linda, ó!”. 2019. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=57245&idprograma=40001016001P0&anobase=2019&idtc=1480>. Acesso em: 5 dez. 2023.

RAMOS, A. M. P. **Construção da identidade étnico-racial**: o papel da literatura infantil com protagonistas negros e histórias das culturas africanas. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=89120. Acesso em: 19 nov. 2023.

ROSA, S. Literatura negro afetiva para crianças e jovens. **Revista África e Africanidades**, Ano XIV, ed. 39, p. 6-22, Ago-Out de 2021. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/documentos/dossiearteeliteratura2021.pdf#page=1>. Acesso em: 19 nov. 2023.

ROSEMBERG, F. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

SILVA, G. C. **O uso da literatura de base africana e afrodescendente junto a crianças das escolas públicas de Fortaleza**: construindo novos caminhos para repensar o ser negro. 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/3414>. Acesso em: 19 nov. 2023.

SILVA, A. C. **A representação social do negro no livro didático**: o que mudou? Por que mudou? Salvador: EDUFBA, 2011.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Trad. Carmen Grisci, Jefferson Bernardes, Marcos de O. Müller e Rosana Nora. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

Data de submissão: 31/07/2023

Data de aprovação: 10/11/2023